

# APRESENTAÇÃO DOSSIÊ:

## EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE



**Michel Maffesoli**<sup>1</sup>

Vol. 11 Número 21 jan./jul. 2016

**Eduardo Portanova Barros**<sup>2</sup>

p. 011 - 013

**Luzia Batista de Oliveira**<sup>3</sup>

**Tânia Maria Rechia Schroeder**<sup>4</sup>

As palavras Educação e Contemporaneidade carregam semânticas cujos sentidos nos lançam num labirinto com inúmeros e surpreendentes percursos. Por isso, nos parece que o educador contemporâneo é aquele que aprendeu a andar pelos labirintos dos saberes, das histórias, das memórias, dos afetos e dos sentimentos, do caminho racional sem tornar sua caminhada um exercício exacerbado; aquele que sonha e luta por mudanças, por transformações sociais e humanas, compreendendo que a imaginação pode romper com modelos estagnados, ultrapassados, pode inventar vida, mundos outros, coisas e significados novos e educação outra; pode abrir "...olhos que têm novos tipos de visão...Terá visões se se educar com devaneios antes de educar-se com experiências, se as experiências vierem depois como provas de seus devaneios" (BACHELARD, 1989, p. 19). Por isso, convidamos o educador a fazer uma travessia pelos diversos labirintos sem receio de perder-se nos caminhos labirínticos desse dossiê.

Os desafios, os problemas e os dramas no campo da educação contemporânea são muitos e se acirram com as novas tecnologias, com as novas experiências no campo social e humano, com os novos modus operandi, com as novas gerações que nem conseguem dialogar com as mais velhas. São desafios que nos convocam a refletir sobre propostas pedagógicas e educacionais que nem sempre surgiram de maneira direta pelos teóricos de várias áreas do conhecimento humano, como sociólogos, historiadores, antropólogos, filósofos, linguistas, psicanalistas e outros. Daí a proposta desse dossiê de ampliar os olhares para alguns desafios e problemas da educação contemporânea, bem como para possibilidades outras de atuação na Educação, quer seja na educação do Ensino Básico, do Ensino Fundamental, do Ensino de Segundo Grau e Terceiro Grau ou dos cursos de pós-graduação que tratam da formação do formador.

Daniel Gutiérrez-Martínez em "Posmodernidad y

<sup>1</sup> (Université de Paris V – Sorbonne)

<sup>2</sup> (PNPD/CAPES/PPGCS/UNISINOS e pesquisador do Grupo de Estudos sobre Comunicação e Imaginário - Imaginalis)

<sup>3</sup> Pós-doutora em Filosofia (Université de Bourgogne), Pós-doutora em Antropologia (PUC / S P), Doutora e em Educação pela USP e professora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação da Universidade São Francisco.

<sup>4</sup> (Universidade Estadual do Oeste do Paraná e pesquisadora dos Grupos: IMAGINAR/Unioeste (Pesquisas sobre imaginário, educação e formação de professores) e VIOLAR/Unicamp (Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Juventude).

educação: hacia una pedagogía del imaginario" aponta os percalços e os perigos de uma educação individualizante na pós-modernidade e nos brinda com uma reflexão no sentido de que é a partir da pós-modernidade que se pode vislumbrar pistas que potencializam o papel do imaginário na educação. Trata-se de um convite para trilharmos uma pedagogia pautada nos meandros do imaginário coletivo.

Denis Jeffrey nos instiga a refletir sobre a educação das antigas e das novas gerações em diferentes contextos históricos e sociais a partir dos ritos de iniciação em "L'éducation initiatique: tradition, modernité et postmodernité". O autor defende a proposta de uma educação que não exclua os ritos iniciáticos da tradição, nem as conquistas da modernidade e nem ignore os desafios da pós-modernidade, dado que uma educação iniciática repete a identidade dos grupos de uma geração à outra, seus símbolos e seus hábitos.

Maria Cecília Sanchez Teixeira nos provoca com o pensamento do complexo, um vertiginoso caminho traçado pelo antropólogo Gilbert Durand, que evidencia o valor que este autor concede ao homo symbolicus e aos processos de simbolização, bem como à imaginação na constituição das culturas, das ciências e da educação. A autora mostra a atualidade e a pertinência do antropólogo para uma pedagogia do imaginário que almeja o equilíbrio entre razão e imaginação em "A contribuição da obra de Gilbert Durand para a educação: conceitos e derivações para uma pedagogia do imaginário".

Outro caminho, nesse misterioso labirinto, é propiciado por Monique da Silva e Valeska Fortes de Oliveira com "A escola como instituição imaginária social: desafios da educação contemporânea". Tendo como referência dois documentários e a teoria do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis, considera-se o imaginário como um elemento fundamental para compreendermos o que foi e o que é a história humana. As autoras mostram o caminho da educação como uma instituição imaginária social produzida por nós, pessoas originalmente com condições de criarmos formas de ser e de estarmos no mundo.

Eduardo Portanova Barros e Roselandia Maria Serra Verde Coelho Rocha, em "Fractais da anormalidade sob a ótica do ordenamento educacional normativo em Michel Foucault", trazem a possibilidade de um sinuoso caminho que discute a anormalidade a partir das subjetividades dos "anormais" apresentadas por Michel Foucault. Este caminho possibilita ao leitor uma visão da anormalidade social, legal e técnica no contexto dos séculos XVII a XIX e como se revelam os efeitos dessas identidades nas instituições médicas e judiciárias.

A imagem do labirinto apresenta múltiplas direções, encruzilhadas e com possibilidades de escolha. Ricardo Régis de Almeida, Barbra do Rosário Sabota Silva e Maria Eugênia Curado com o texto intitulado "A língua[gem] como proposta de mudança epistemológica e metodológica na linguística aplicada contemporânea" propõem o caminho da linguagem, a qual não possui um destino final. O exame das proposições conceituais das áreas de Linguística Aplicada (LA), Sociologia e Linguística no contexto dos séculos XX e XXI realizados pelos autores da LA contemporânea vem engendrando o estabelecimento de outras bases epistemológicas e metodológicas pautadas em teorias pós-modernas, pós-colonialistas, pós-estruturalistas, antirracistas, feministas e queer.

Os desafios da educação nessa imagem labiríntica se configuram com as novas tecnologias e a transferência indevida do papel da "família" ou dos responsáveis pela educação de crianças e adolescentes como os valores morais e éticos para a escola; desnudam caminhos que suscitam reflexão e análise com a educação escolar as autoras Aline Diesel, Suzana Feldens Schwertner, Marli Teresinha Quartiéri e Silvana Neumann Martins em "Desafios e possibilidades da escola contemporânea: do quadro negro ao mundo digital". As autoras apresentam algumas percepções de professores da Educação Básica sobre os desafios e possibilidades da educação contemporânea evidenciando-se as Tecnologias

Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Com Mariana Rost e Eduardo Portanova Barros temos "Eu sinto como se pudesse ser qualquer coisa com você": educ(ação) desde a metáfora do filme *Her*". Os desafios propostos pelos autores procuram aproximar o/a leitor/a das pressuposições contemporâneas de subjetividades a partir do complexo caminho da análise de uma narrativa cinematográfica em que se destacam as fronteiras entre o humano e a máquina.

As palavras Educação e Contemporaneidade perpassam os textos aqui apresentados com diversos caminhos para a reflexão. Fechando este dossiê, Alex Sander da Silva e Christian Muleka Mwewa nos mostram o caminho das "Expressividades estéticas e vestígios formativos: anotações para uma educação crítica contemporânea" com referência à Teoria Estética, de Theodor W. Adorno. Os autores analisam os aspectos da crítica da razão instrumental e assinalam a noção de expressividade estética como condição indispensável para a abertura da sensibilidade estética, a fim de se compreender os desafios apontados pelo sentido do aspecto expressividade na formação cultural contemporânea e indicar alguns vestígios formativos na sociedade contemporânea para uma educação crítica.

Este dossiê, portanto, procura uma referência (assim mesmo, abstrata) no contexto de uma compreensão poético-científica do real. É o que Michel Maffesoli, que também se encontra aqui como um dos proponentes deste trabalho, denomina – baseado em H. Lefebvre e D. Mandelbrot – "transdução". Trata-se de um raciocínio irredutível tanto à dedução quanto à indução, quer dizer: é a instabilidade de um "imaginário possível" (conforme o sociólogo francês escreve em "Lógica da dominação", da editora Zahar, em 1978). Nesta mesma página 20, Maffesoli comenta, e esse aspecto foi que serviu de inspiração à proposta deste dossiê, que "é muito perigoso delimitar um campo de análise porque, quando se determinam com demasiada nitidez o irracional, o imaginário ou a utopia, por exemplo, eles tomam uma forma por demais positivizada" (MAFFESOLI, 1978, p. 20). E acrescenta que, se isso acontece, deixa-se escapar justamente o que os constitui como tais. Essa foi a nossa metodologia. Se adequada ou não, se pertinente ou não é irrelevante, contanto que se pratique aquilo que Bachelard, já citado anteriormente, entende por "filosofia do não", isto é, englobar as contradições, e não uma vontade de negação. Simples assim.